

ERICA FERRARI

TO WHOM DOES THIS ARCHITECTURE BELONGS?

frases coletadas, intervenção de vídeo e souvenir

32° bienal de artes gráficas - liubliana, eslovênia - 2017

A arquitetura e seus usos modelam a vida na cidade. Em uma metrópole como São Paulo, em constante destruição e construção de sua configuração física, a transitoriedade não apenas reflete a dinâmica usualmente predatória do mercado imobiliário, mas também a falta de regulação e conservação dos edifícios e espaços públicos por parte do poder governamental. Nesse contexto de mudanças, como a população se expressa e consolida sua identidade? Uma das maneiras mais interessantes é a pichação. A partir da década de 1960, a prática de escrever sobre a arquitetura tornou-se símbolo de protesto político, manifestação de identidade e expressão. A prática tomou características próprias em São Paulo, com o desenvolvimento de uma grafia específica somada ao desafio de escrever nos altos edifícios da cidade. No último ano, dado a tensa situação política, as pichações com mensagens políticas voltaram a aparecer com força, particularmente no centro da cidade. A mesma prática de expressão pode ser observada em Liubliana, no entanto, com algumas diferenças marcantes. Como o centro da cidade sofreu um processo de restauração nos últimos anos, as pichações não são encontradas com facilidade por ali. As mensagens podem ser vistas nas áreas ao redor, em edifícios específicos que não foram reformados ainda ou em tapumes de obras. Muitas delas referem-se à luta antifascista e a consolidação da identidade eslovena, país que só conseguiu sua independência em 1991.

Nesse sentido, podemos pensar essa modificação do centro de Liubliana como parte de um cenário global de investimentos por parte dos governos para tornarem as cidades mais ecológicas, culturais e ‘bonitas’, tornando-se assim atração para investimentos de toda ordem e parte da indústria do turismo. Se por um lado, essa dinâmica tem resultados positivos imediatos na economia e no aspecto físico das construções, por outro, pode acarretar a expulsão dos moradores tradicionais do centro e ocasionar uma falta de reconhecimento da população com aquele espaço histórico.

No projeto aqui proposto parte-se desse contexto para investigar a dubiedade desse processo na cidade, tendo a própria fachada do Centro Internacional de Artes Gráficas - MGLC - como suporte. Edifício do século XVIII, como muitas outras construções desse porte, é marcado pela mudança de usos durante sua existência, hoje abrigando um museu. Devido à sua localização, pode ser visto à distância no meio da vegetação do Parque Tivoli. Aproveitando essa configuração, foram projetadas pichações com frases coletadas de moradores de Liubliana, coletadas previamente através de e-mail específico. A fachada da construção histórica se tornou veículo de manifestação do pensamento da população sobre a dinâmica atual da cidade. Dentro do Museu, na escada de acesso, estava exposto o vídeo de registro da artista escrevendo as frases coletadas em parede interna do prédio e alguns pratos decorados com desenho projetivo da intervenção no edifício. Estes souvenirs também estavam disponíveis para venda na loja do Museu.



_erica ferrari - 'To whom does this architecture belongs?' - 2017 - mglc, liubliana, eslovênia - projeção na fachado do museu.



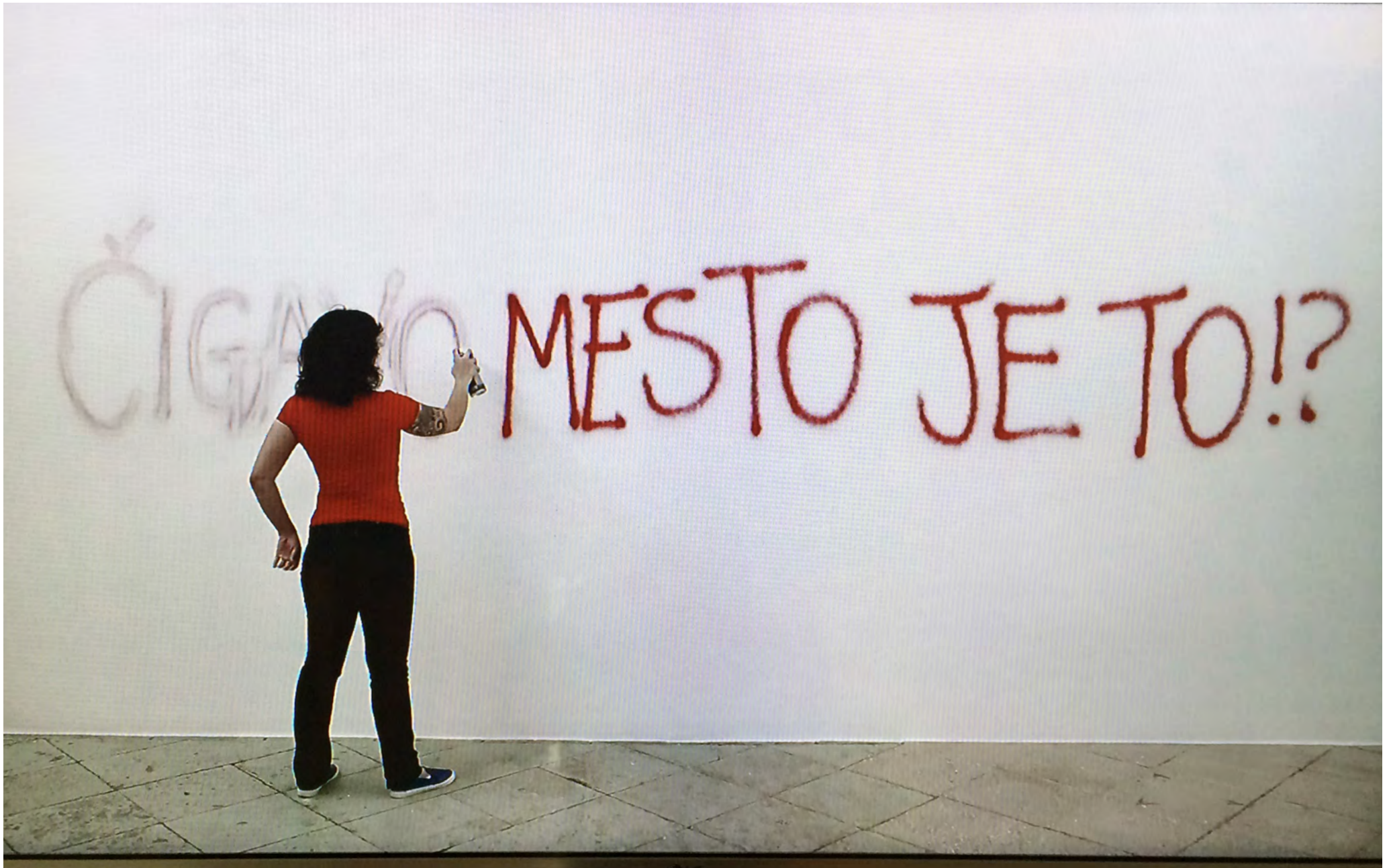
_erica ferrari - 'To whom does this architecture belongs?' - 2017 - mglc, ljubliana, eslovênia - projeção na fachado do museu.



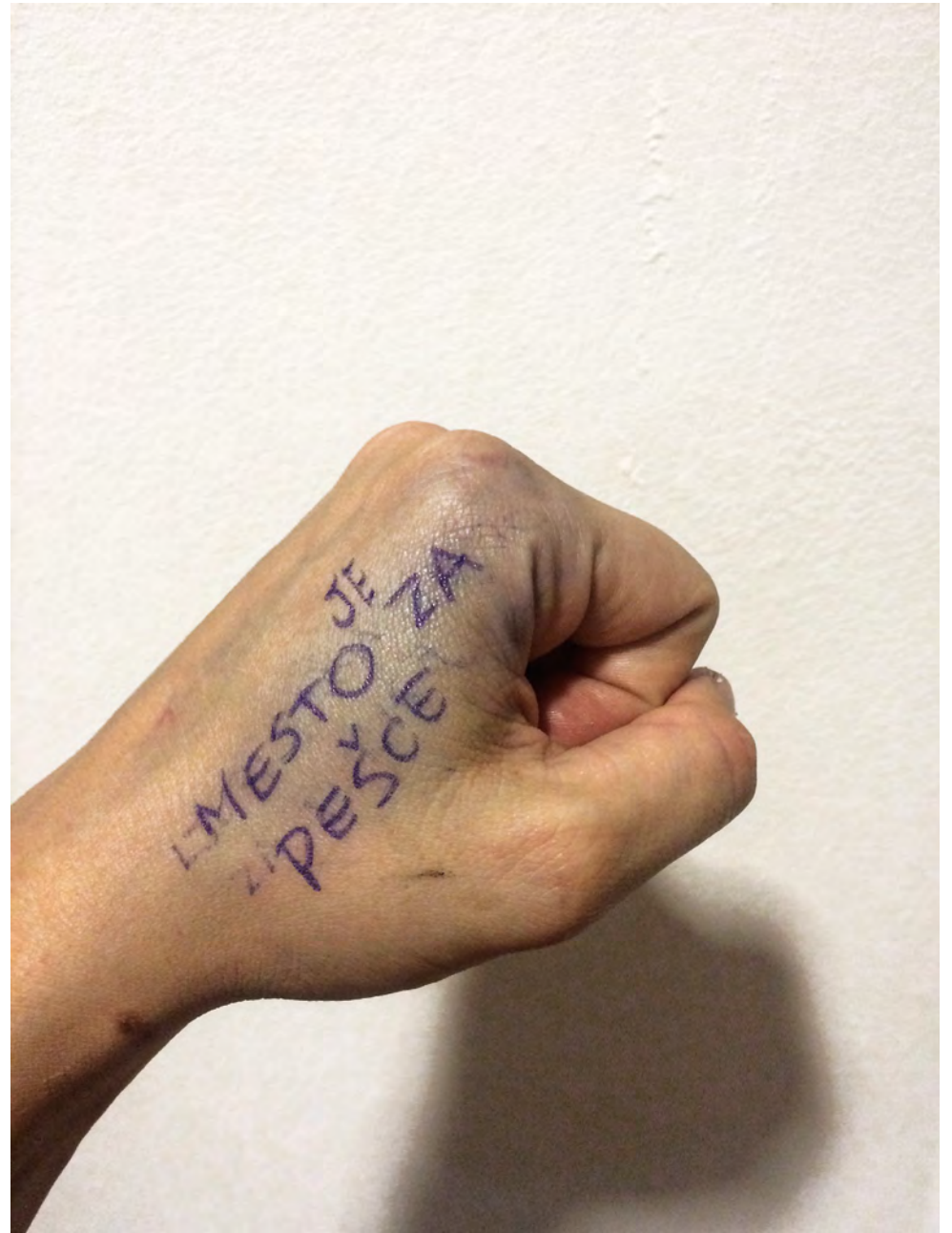
_erica ferrari - 'To whom does this architecture belongs?' - 2017 - mglc, liubliana, eslovênia - projeção na fachado do museu.



_erica ferrari - 'To whom does this architecture belongs?' - 2017 - mglc, liubliana, eslovênia - projeção na fachado do museu.



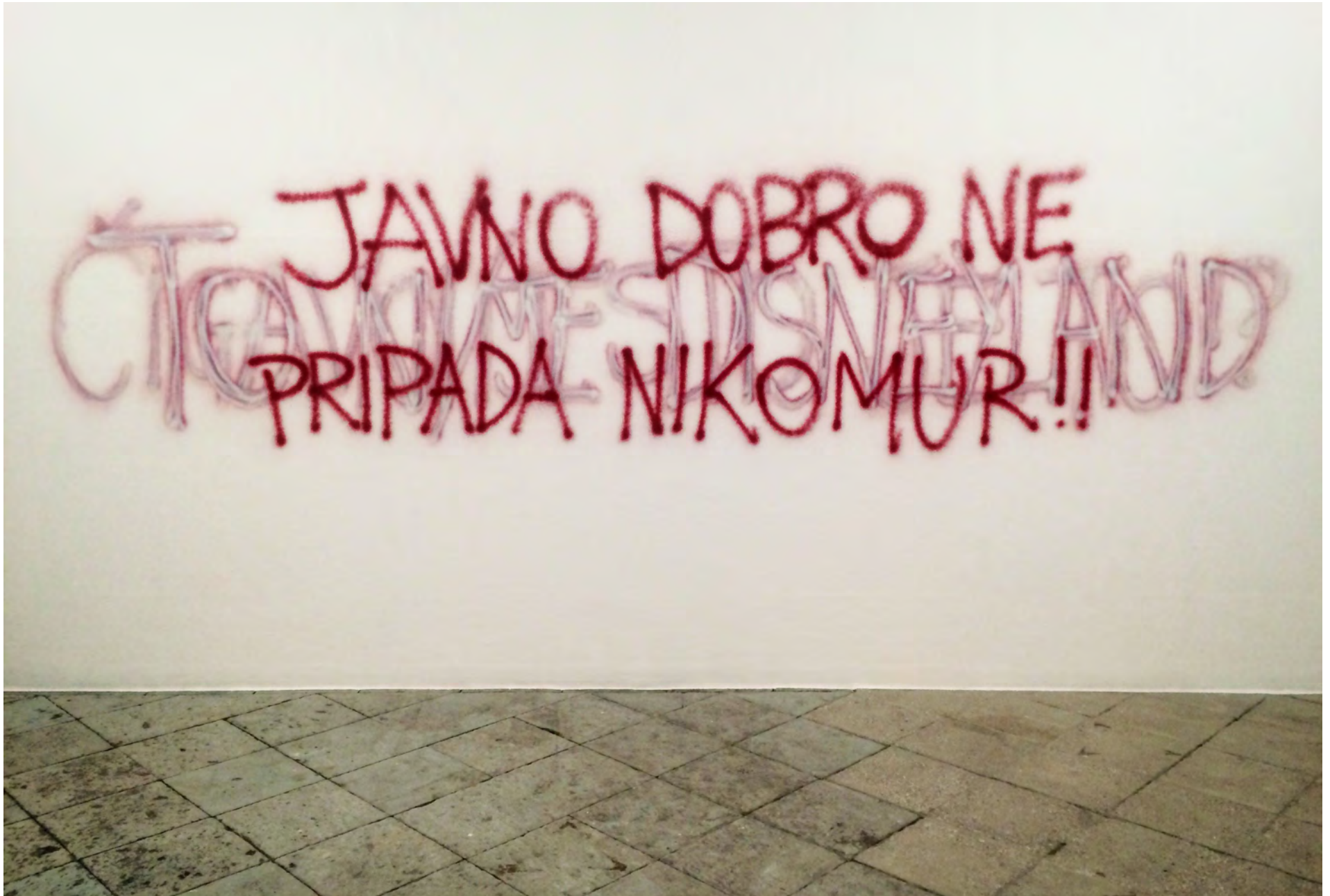
_erica ferrari - 'To whom does this architecture belongs?' - 2017 - mglc, liubliana, eslovênia - detalhe de still de vídeo.



_erica ferrari - 'To whom does this architecture belongs?' - 2017 - mglc, liubliana, eslovênia - detalhe de still de vídeo.



_erica ferrari - 'To whom does this architecture belongs?' - 2017 - mglc, ljubliana, eslovênia - detalhe de still de vídeo.



_erica ferrari - 'To whom does this architecture belongs?' - 2017 - mglc, liubliana, eslovênia - detalhe de still de vídeo.

ČIGAVO MESTO JE TO!?

ČIGAVO MESTO JE TO!?

TO NI JE DISNEYLAND

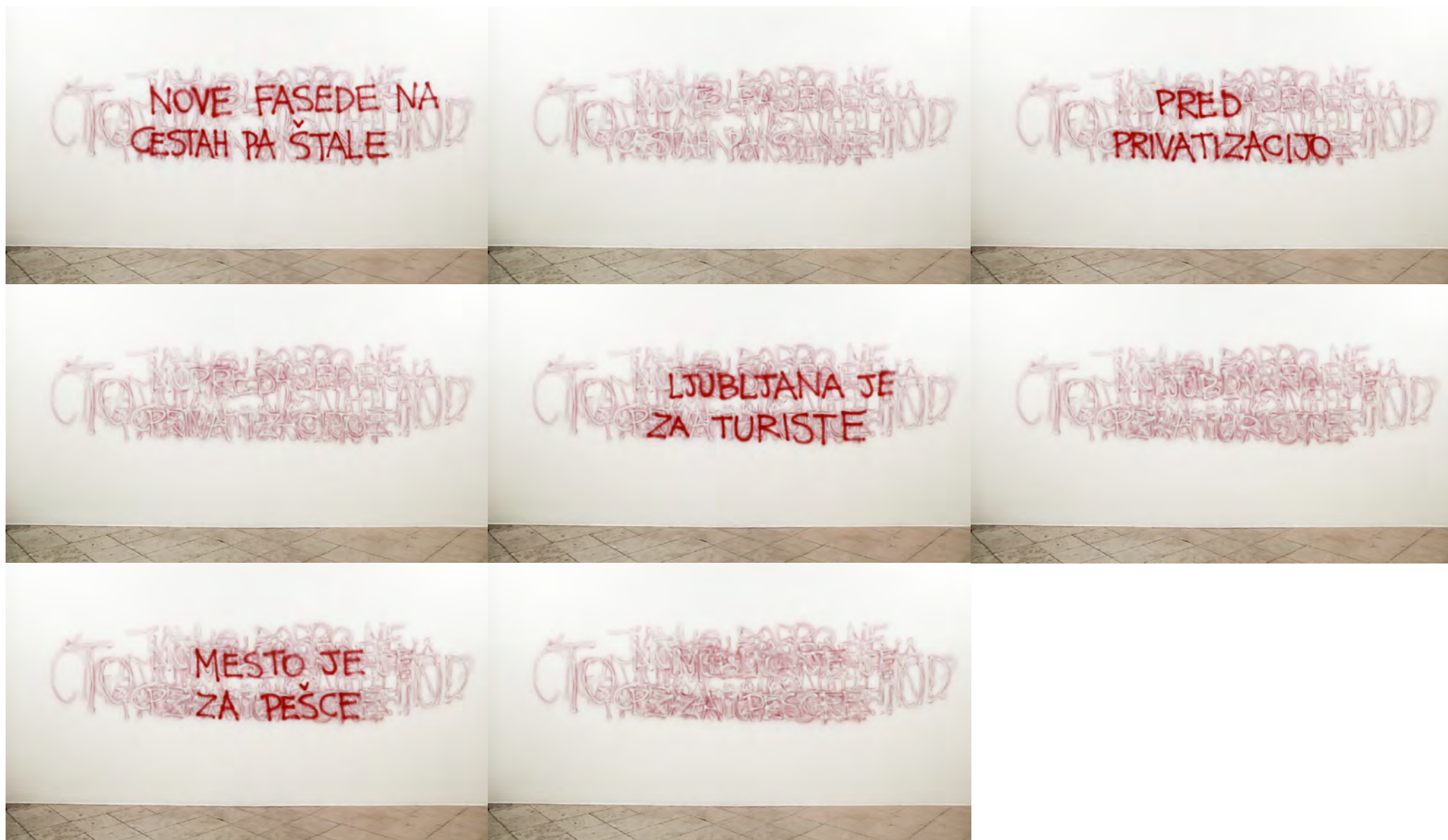
ČIGAVO MESTO JE TO!?

JAVNO DOBRO NE
PRIPADA NIKOMUR!!

JAVNO DOBRO NE
PRIPADA NIKOMUR!!

LJUBLJANA IS
A MONUMENT

JAVNO DOBRO NE
PRIPADA NIKOMUR!!



_erica ferrari - 'To whom does this architecture belongs?' - 2017 - mglc, ljubliana, eslovênia - detalhe de still de vídeo.



_erica ferrari - 'To whom does this architecture belongs?' - 2017 - mglc, liubliana, eslovênia - detalhe do souvenir.



_erica ferrari - 'To whom does this architecture belongs?' - 2017 - mglc, liubliana, eslovênia - referências de pixações na cidade.



_erica ferrari - 'To whom does this architecture belongs?' - 2017 - mglc, liubliana, eslovênia - referências de pixações na cidade.

ESTUDO PARA MONUMENTO

madeira, madeira carbonizada, entulho, material de descarte, areia e fotografia
galeria funarte de são paulo - 2017

Em abril de 1964, no Rio de Janeiro, a sede da União Nacional dos Estudantes - UNE, foi intencionalmente destruída. O incêndio destruiu documentos e o prédio, que permaneceu como ruína por mais 16 anos. A entidade foi banida e nas décadas subsequentes centenas de militantes estudantes foram presos, torturados ou mortos. Em junho de 1953, em Berlim Oriental, o edifício Columbushaus, que funcionava como sede de alguns órgãos públicos, entre eles a Polícia do Povo, também havia sido destruído intencionalmente. O ataque ocorreu em meio à revolta popular iniciada no dia anterior pelos trabalhadores da construção civil. Duramente reprimida, a revolta teve um saldo de mortos, feridos e presos extraordinário. Durante as décadas seguintes, milhares de pessoas continuaram a sofrer com a repressão governamental. O prédio foi demolido quatro anos depois.

Ambos os episódios envolvem atos repressivos empregados por sistemas de governo recém implantados, ocorrendo entretanto em lados opostos no contexto da Guerra Fria e por agentes antagônicos: Estado e opositores. As ruínas dos prédios sobreviveram alguns anos no corpo da cidade, indicando na paisagem o ataque físico e significativo. Se pensarmos na definição de monumento como construção que adquire valor de símbolo dentro de uma comunidade devido à atribuições históricas e ideológicas, não só a sede da UNE e o Columbushaus se apresentam como tal, mas também suas subsequentes ruínas. “Estudo para Monumento” é um projeto de instalação no qual pretende-se lidar, a partir desse contexto, com a continuidade histórica desses monumentos a partir de seus desaparecimentos em consequência de atos políticos. Serão replicados dois grandes fragmentos, cada um referindo-se a um prédio, em lados opostos dentro da Galeria, a partir da planta baixa de cada um. Com isso, as paredes internas presentes do fragmento selecionado estarão presentes. Essa estrutura será construída com madeira usada e carbonizada. No chão, estarão dispostos alguns materiais de descarte e areia. Na parede do fundo de cada fragmento estará disposta uma imagem de grande formato. A estrutura de madeira tem referência direta na prática de estruturação de preservação de ruínas, especialmente de igrejas e palácios, que correm risco de desmoronamento. Muitas são escoradas por um esqueleto externo que as sustenta de fora para dentro. Muitas vezes esse esqueleto não se atém ao que está construído, insinuando os volumes já perdidos de partes do edifício. Essa relação indicial dessa estrutura sobreposta é como uma projeção após a destruição da própria arquitetura, um projeto sobre algo em desmanche.

A arquitetura não é somente o que fica no meio do fogo cruzado; em tempos de conflito ela é o um potente alvo simbólico a ser atingido. Ao mesmo tempo, sua ruína se torna a evidência máxima da tentativa ou da efetiva destruição de uma comunidade. O que parece claro é que apesar do reconhecimento e retratação dos Estados, ação essencial para a compensação histórica da injustiça, os papéis históricos são imprecisos e estão constantemente sendo reescritos do mesmo modo que a arquitetura está. Os monumentos são um válido ponto de partida para essa reflexão pois configuram-se como construções cuja carga simbólica é ao mesmo tempo aglutinadora e disciplinadora da população.



_‘estudo para monumento’. madeira de descarte e madeira carbonizada. 2017, Galeria Mario Schenberg, FUNARTE São Paulo.



_'estudo para monumento'. madeira de descarte e madeira carbonizada. 2017, Galeria Mario Schenberg, FUNARTE São Paulo.



_estudo para monumento'. madeira de descarte e madeira carbonizada. 2017, Galeria Mario Schenberg, FUNARTE São Paulo.



_'estudo para monumento'. madeira de descarte e madeira carbonizada. 2017, Galeria Mario Schenberg, FUNARTE São Paulo.



_estudo para monumento'. madeira de descarte e madeira carbonizada. 2017, Galeria Mario Schenberg, FUNARTE São Paulo.



_'estudo para monumento'. madeira de descarte e madeira carbonizada. 2017, Galeria Mario Schenberg, FUNARTE São Paulo.



_'estudo para monumento'. madeira de descarte e madeira carbonizada. 2017, Galeria Mario Schenberg, FUNARTE São Paulo.



_'estudo para monumento'. madeira de descarte e madeira carbonizada. 2017, Galeria Mario Schenberg, FUNARTE São Paulo.



_'estudo para monumento'. madeira de descarte e madeira carbonizada. 2017, Galeria Mario Schenberg, FUNARTE São Paulo.



_'estudo para monumento'. madeira de descarte e madeira carbonizada. 2017, Galeria Mario Schenberg, FUNARTE São Paulo.



_'estudo para monumento'. madeira de descarte e madeira carbonizada. 2017, Galeria Mario Schenberg, FUNARTE São Paulo.



_'estudo para monumento'. madeira de descarte e madeira carbonizada. 2017, Galeria Mario Schenberg, FUNARTE São Paulo.



_fotos de referência histórica: Sede da UNE - prédio original na década de 1940, em ruínas e incendiado.



__fotos de referência histórica: edifício Columbushaus - logo após ser incendiado, em ruínas e íntegro.



_estudos para a instalação: simulação dos fragmentos em madeira carbonizada no espaço expositivo.



_estudos para a instalação: detalhe de croqui da instalação.



_estudos para a instalação: detalhe de croqui da instalação.



__fotos de referência conceitual/material: ruína de Igreja de Nossa Senhora da Conceição, casa e prédio carbonizados, prédio em demolição/construção em Berlim.



__fotos de referência conceitual/material: Palácio da Cidade de Berlim destruído após bombardeio, ruína de igreja em Matosinho e parte do Muro de Berlim.



_fotos do processo de construção: maquetes e construção em escala no ateliê.



_fotos do processo de construção: ateliê e construção em escala no ateliê.



_fotos do processo de construção: construção em escala no ateliê.



_fotos do processo de construção: maquetes e construção em escala no ateliê.



_fotos do processo de construção: maquete.



_fotos do processo de construção: construção em escala no ateliê.



_fotos do processo de construção: construção em escala no ateliê.



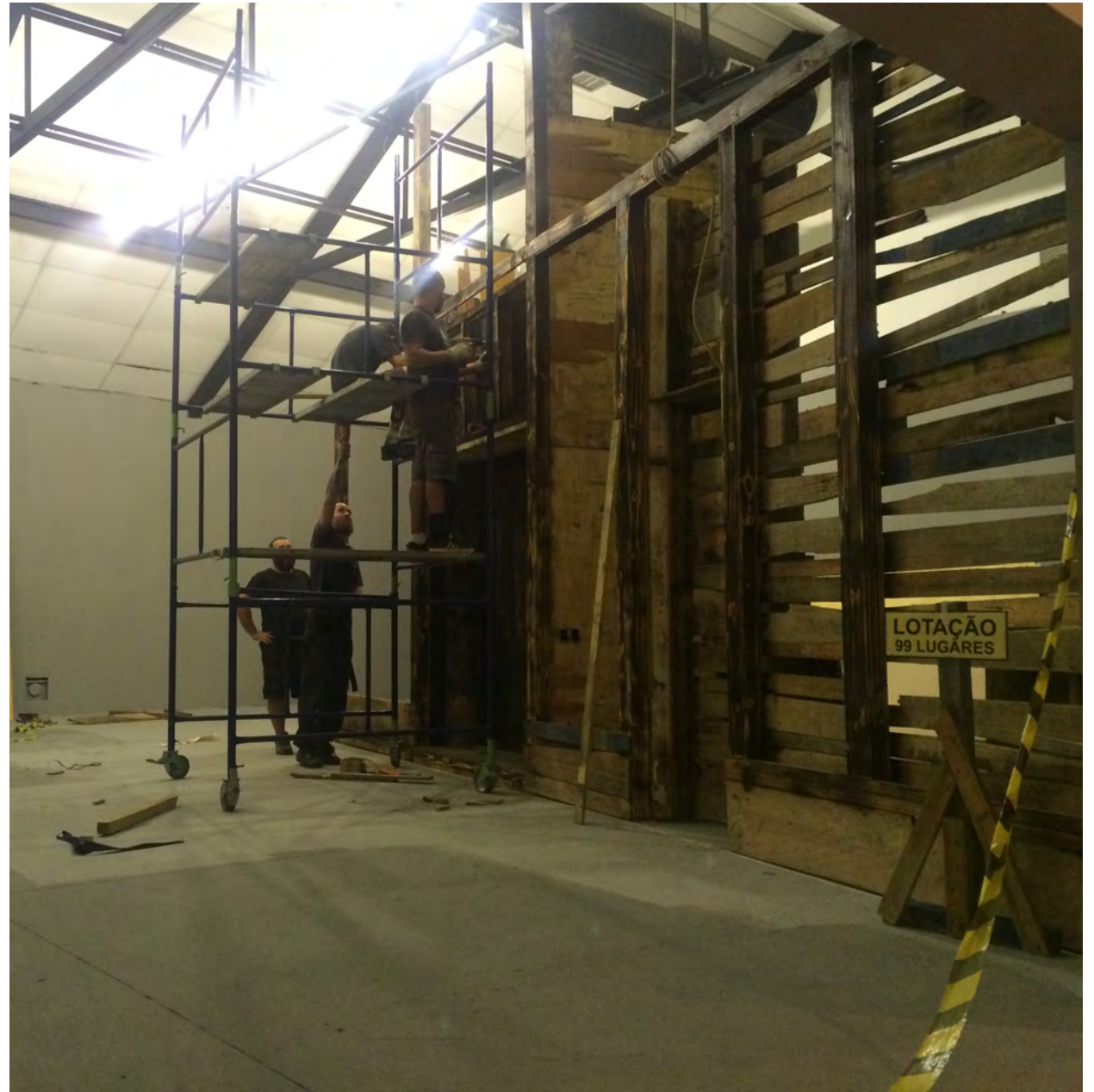
_fotos do processo de construção: transporte e armazenamento na FUNARTE.



_fotos do processo de construção: queima e montagem na galeria da FUNARTE.



_fotos do processo de construção: montagem na galeria da FUNARTE.



_fotos do processo de construção: montagem na galeria da FUNARTE.



_fotos do processo de construção: montagem na galeria da FUNARTE.



_fotos do processo de construção: montagem na galeria da FUNARTE.



_fotos do processo de construção: montagem na galeria da FUNARTE.



_fotos do processo de construção: montagem na galeria da FUNARTE.



_instalação pronta na galeria da FUNARTE.

ERICA FERRARI

SOBRE MONUMENTOS E VAZIOS

**fachadeiras, areia, projeção, cimento, placa de metal, objetos achados, desenhos, fotos e material gráfico
museu murilo la greca - recife, pernambuco - 2016**

Sobre Monumentos e Vazios foi desenvolvido durante estadia na cidade de Berlim, na Alemanha, e em São Paulo. Ele parte de pesquisa recentemente realizada acerca das camadas históricas dos Palácios Nacionais Brasileiros, dos quais destaco os que guardam passagens de luta e violência e que funcionam atualmente como museus ou espaços culturais. Essa pesquisa resultou na série de obras Estratigrafia - Palácios.

Esses prédios se alinham a uma função de monumentos, mesclando a ideia de patrimônio e de marco glorificador de fatos e pessoas, inclusive aí podendo perecer com sua destruição por novos agentes insatisfeitos com os significados exaltados na sua existência como tal. A partir disso, a transformação desses espaços em museus ou centros culturais no Brasil e mesmo internacionalmente parece amortizar essa função de glorificação do poder própria dessas edificações, absolvendo-os de seu passado e tornando-os relevantes por outros fatores (pela sua estética e idade, por sua localização e atributos físicos, etc). Sob essa perspectiva, pensar sobre os Palácios da cidade de Berlim, na Alemanha, traz um dado inédito e absolutamente relevante que configura boa parte do delineamento arquitetônico da cidade: a destruição e a cisão de seu território provocados pelas Grandes Guerras (tanto pela Primeira e Segunda Mundiais quanto pela Guerra Fria). Se no caso brasileiro conseguimos identificar revoltas e acontecimentos pontuais que assolaram diversas partes do país desde o século XVIII até o XX e acabaram por violar Palácios-Monumentos (fosse pela sua tomada de posse ou pela destruição parcial), no caso de Berlim a situação de ocupação e destruição foi generalizada e gerou vazios espaciais em áreas centrais e históricas. O crescimento natural da cidade foi acompanhado então pela sua reconstrução, acarretando decisões tanto da ordem do planejamento urbano de territórios desocupados como de áreas primordiais destruídas. Nesse contexto se insere a origem de uma das peculiaridades da cidade: edifícios novos que são clones de antigos. Parte dos vazios e das ruínas originou grupos de construções novas, com espacialidades e usos diferentes das antigas; parte se transformou em praças ou áreas abertas, destinadas à circulação; e parte foi remodelada simulando o que havia antes da destruição. Nessa última operação inclui-se não somente a reconstrução de um monumento que existia logo antes do conflito, mas também a opção por resgatar uma edificação talvez ainda mais antiga, que havia sido aniquilada em outra situação.

Todos esses acontecimentos fazem com que em Berlim a ruína, a reconstrução, o monumento e a cidade tecnológica coexistem de maneira exacerbada e aparentemente harmônica, a partir de soluções formais e funcionais bastante únicas tomadas entre tantos desafios. Essa constante reinvenção que a cidade sofre parece funcionar como alimento que produz novas formas de pensar o seu

funcionamento. Tendo como lugar natal São Paulo, uma cidade de 12 milhões de habitantes que tomou seu caráter metropolitano no último século e padece com as consequências problemáticas de uma expansão intensa e não planejada, é instigante pensar que podemos identificar esse tipo de processo também por aqui, mas nos falta distância e consciência para conseguir distingui-lo.

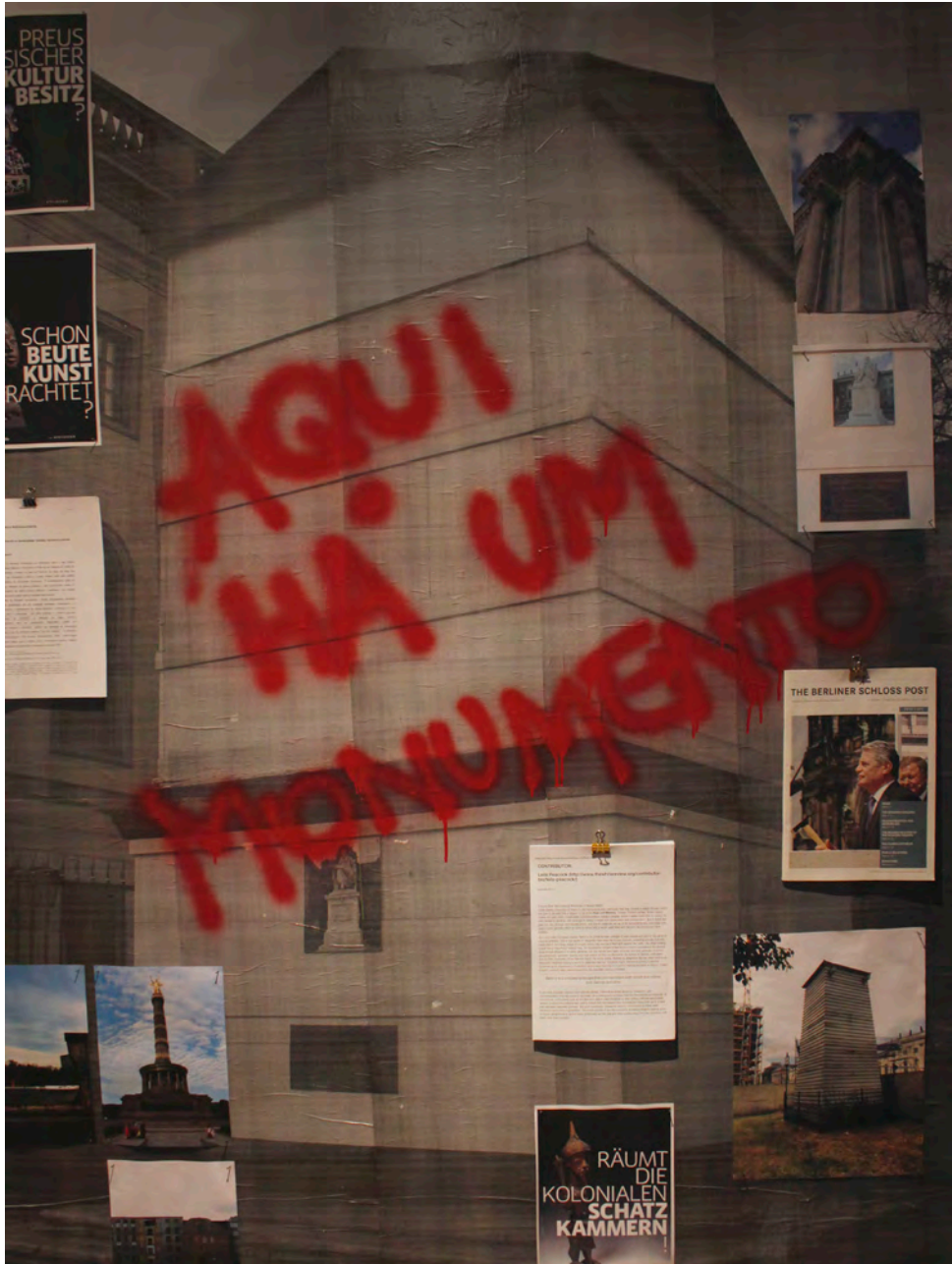
Para esse projeto de pesquisa e produção artística aqui apresentado foi utilizado como ponto de partida e de reflexão o caso talvez mais emblemático dessa conjuntura de Berlim: o Palácio da Cidade (Berliner Stadtschloss). Edificado como residência real no núcleo da cidade por volta de 1440, o Palácio foi reconfigurado ao longo dos séculos, sofrendo intervenções para se adequar às novas exigências de uso e de desenvolvimento arquitetônico. Durante os ataques aéreos da Segunda Guerra ele foi severamente queimado e em 1950 completamente demolido por decisão do governo da Alemanha Oriental (RDA). O local foi destinado a uma praça e posteriormente a um novo edifício. Desde a unificação alemã, discussões públicas foram travadas no sentido de repensar o valor simbólico daquele espaço e a configuração que seria mais adequada para reconhecer sua importância histórica. Em 2002 finalmente foi decidido que três fachadas do prédio seriam refeitas de modo idêntico a como eram no período Barroco e uma fachada juntamente com a configuração interior teriam um projeto arquitetônico inédito. Depois de pronto, ali será a sede da Humboldt-Forum, um centro de cultura que contará com museus de diferentes especialidades (etnografia, arte asiática), uma universidade, uma biblioteca, além de auditório, salas para seminários, cafés e restaurantes. Com a ideia de ser “um centro único de arte, cultura, ciência e aprendizado com alcance global significativo”, a conclusão das obras está prevista para 2019.

Esse edifício-monumento é um exemplo real e contemporâneo do redelineamento de áreas das cidades para atender a um imbricado balanço entre a necessidade de preservação da cultura local/valorização do patrimônio e a necessidade de se investir em um dos setores que despontam como via de mobilização e lucro global: o turismo cultural. Nessa perspectiva avançada de capitalismo que ao mesmo tempo globaliza discursos e atividades e estimula o constante resgate de identidades locais, a ‘cultura’ e todo aparato que a propaga, incluindo-se aí a arquitetura como uma de suas expressões de maior alcance e relevo social, se torna ponta de lança.

No período de residência em Berlim pretendi refletir sobre as relações (simbólicas e materiais) que decorrem dessa operação de remodelação de um monumento dessa envergadura física e histórica para ser utilizado como centro cultural no corpo da cidade. Podemos ponderar que esse tipo de revigoração de construções históricas surge a partir de ‘vazios’ no tecido urbano, sejam eles físicos (com a deterioração ou destruição provocadas por guerras, expansão da cidade ou especulação imobiliária) ou de uso (com a extinção da função original ou realocação em outro edifício). Nesse sentido podemos pensar em uma questão delicada de valor de uso e valor de troca que esses empreendimentos provocam por se identificarem ao mesmo tempo como patrimônios, investimentos do setor cultural e território físico da metrópole.



_erica ferrari - 'sobre monumentos e vazios' - 2016 - museu murilo la greca, recife, pernambuco



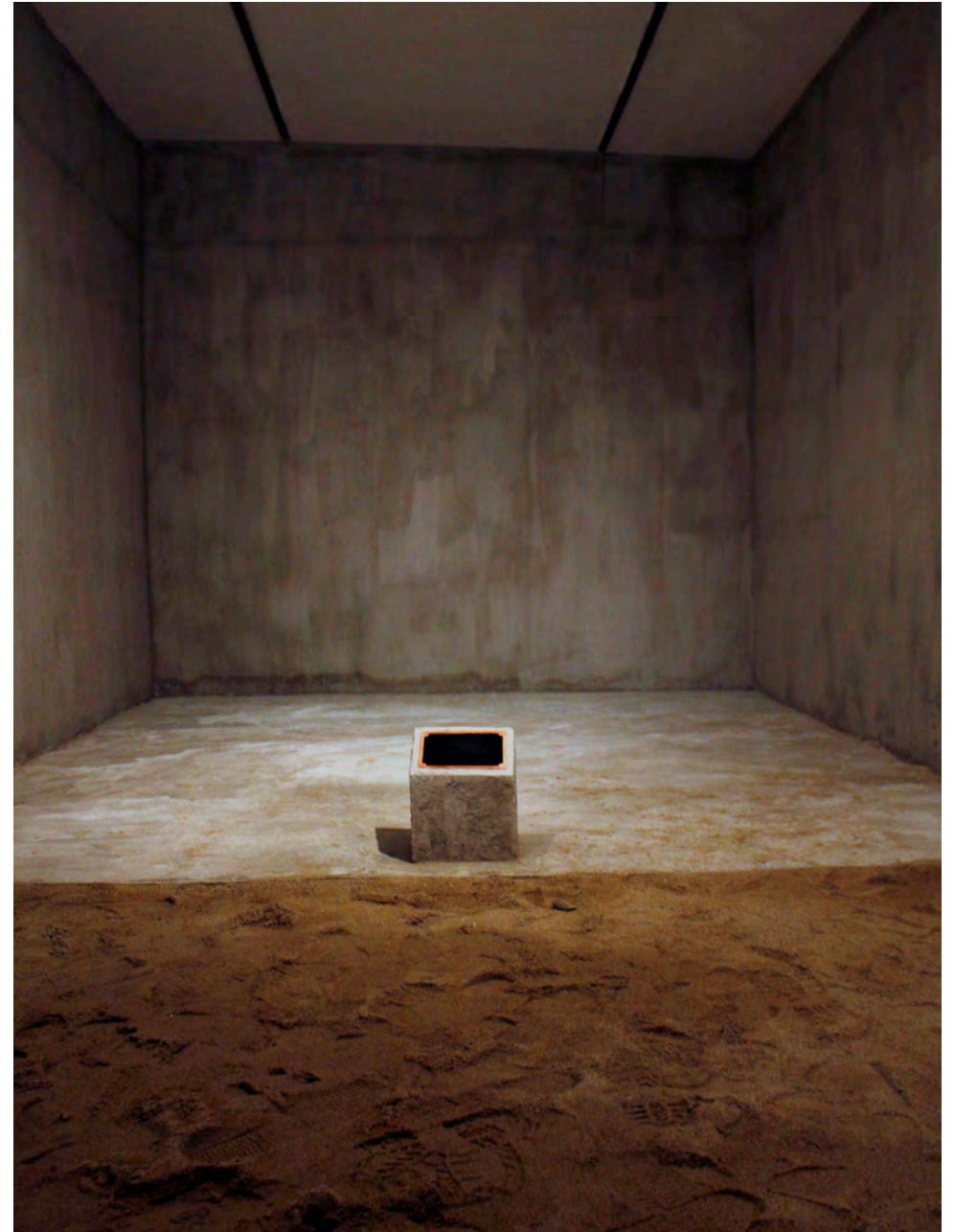
_erica ferrari - 'sobre monumentos e vazios' - 2016 - museu murilo la greca, recife, pernambuco



_erica ferrari - 'sobre monumentos e vazios' - 2016 - museu murilo la greca, recife, pernambuco



_erica ferrari - 'sobre monumentos e vazios' - 2016 - museu murilo la greca, recife, pernambuco



_erica ferrari - 'sobre monumentos e vazios' - 2016 - museu murilo la greca, recife, pernambuco



_erica ferrari - 'sobre monumentos e vazios' - 2016 - museu murilo la greca, recife, pernambuco



_erica ferrari - 'sobre monumentos e vazios' - 2016 - museu murilo la greca, recife, pernambuco



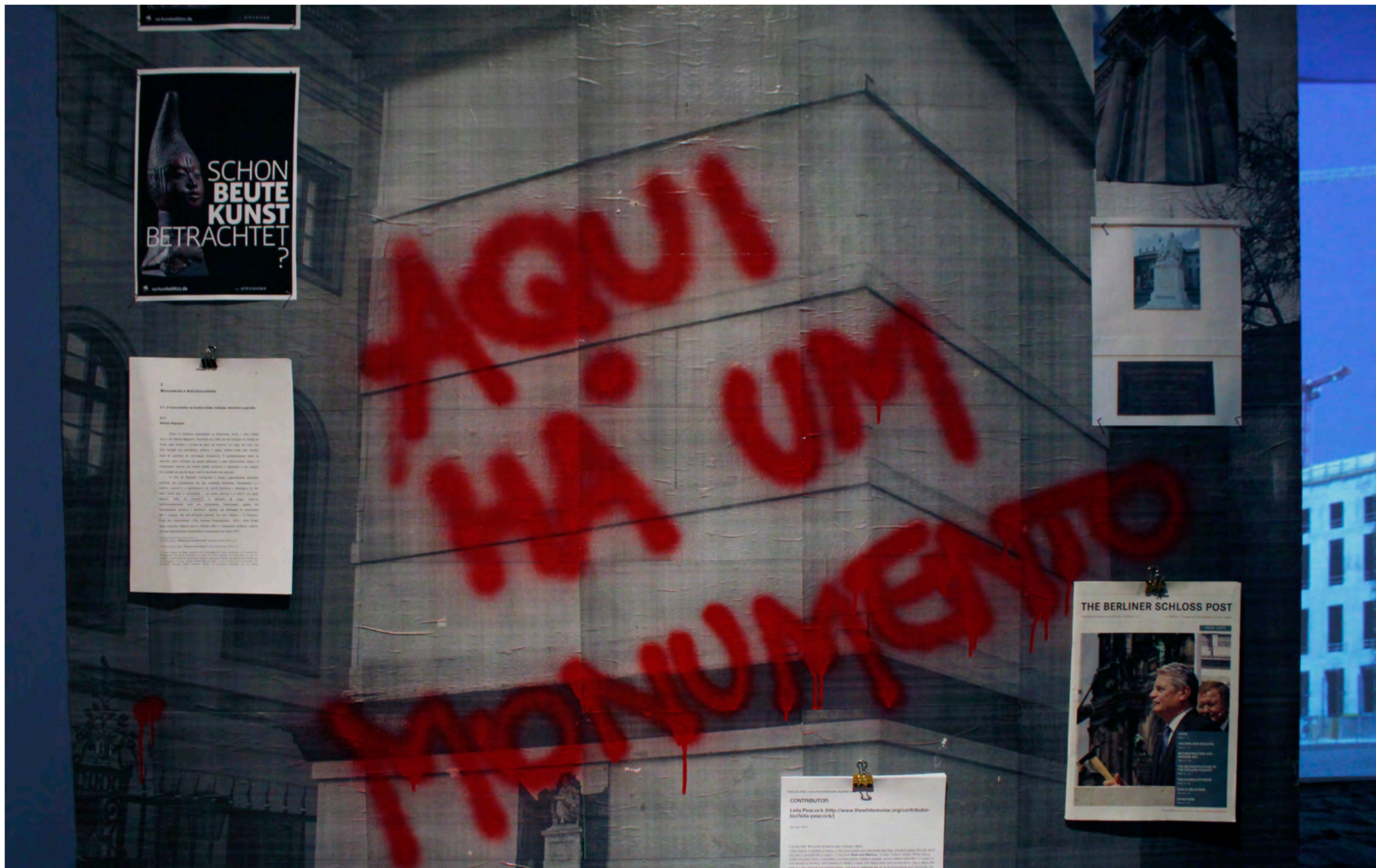
_erica ferrari - 'sobre monumentos e vazios' - 2016 - museu murilo la greca, recife, pernambuco



_erica ferrari - 'sobre monumentos e vazios' - 2016 - museu murilo la greca, recife, pernambuco



_erica ferrari - 'sobre monumentos e vazios' - 2016 - museu murilo la greca, recife, pernambuco



_erica ferrari - 'sobre monumentos e vazios' - 2016 - museu murilo la greca, recife, pernambuco



_erica ferrari - 'sobre monumentos e vazios' - 2016 - museu murilo la greca, recife, pernambuco



_erica ferrari - 'sobre monumentos e vazios' - 2016 - museu murilo la greca, recife, pernambuco

ERICA FERRARI E MAURÍCIO ADINOLFI

MURO - RELEVO DE CHÃO CONTRA-GOLPE

chapas de metal, cabos de aço, roupas usadas e tecidos
na ação coletiva 'Aparelhamento' - FUNARTE Ocupada, São Paulo - 2016

No ano de 2016 um golpe de Estado foi engendrado no Brasil. O processo desse golpe foi marcado por intensas manifestações populares que se polarizaram entre contra e favoráveis a derrubada da presidente eleita. Conforme a polarização foi se aprofundando no decorrer do processo e um discurso de ódio incutiu-se no centro da discussão política, algumas medidas práticas foram tomadas a fim de evitar confrontos físicos entre os grupos manifestantes. Entre essas medidas, ganhou destaque a construção de um muro provisório de metal cruzando toda a extensão da Esplanada dos Ministérios, terminando no complexo arquitetônico do Congresso Nacional. O muro, erguido com o trabalho de presidiários em regime semi aberto, estancou em dois lados compartimentados de gramado aqueles que deveriam, no projeto da própria arquitetura do Eixo Monumental, conviver permanentemente juntos.



_erica ferrari e maurício adinolfi - 'muro - aparelhamento' - 2016 - funarte ocupada, são paulo



_erica ferrari e maurício adinolfi - 'muro - aparelhamento' - 2016 - funarte ocupada, são paulo



_erica ferrari e maurício adinolfi - 'muro - aparelhamento' - 2016 - funarte ocupada, são paulo



_erica ferrari e maurício adinolfi - 'muro - aparelhamento' - 2016 - funarte ocupada, são paulo



_erica ferrari e maurício adinolfi - 'muro - aparelhamento' - 2016 - funarte ocupada, são paulo

ERICA FERRARI _MAURÍCIO ADINOLFI
ALUNOS DO CIEJA
MORADORES DO CAPÃO REDONDO

MEMORIAL

ação coletiva_escritura e colagem sobre cimento em palavra monumental instalada pelo evento
‘Corrida pela Paz’ - Capão Redondo, São Paulo - 2016

Instalado em rotatória utilizada como canteiro e cuidada voluntariamente por moradores do Capão Redondo e professores e alunos da escola Cieja, o memorial consistiu da ação coletiva de inscrição e colagem sobre cimento em palavra monumental instalada pelo evento ‘Corrida pela Paz’. Ao longo do tempo de permanência no espaço público, a palavra, em madeira aparente, foi coberta gradativamente. As ações foram realizadas em encontros pontuais, cuja intuição era que se registrasse no cimento fresco reflexões acerca da ideia de paz e violência no bairro e nomes e recados que remetessem à memória dos que foram vítimas dessa violência, tornando a palavra um memorial.

O trabalho foi realizado em colaboração e diálogo com a comunidade local. A intenção foi fomentar uma tensão crítica da ideia de paz e do uso da palavra paz em relação ao contexto local, marcado por situações contraditórias, como os altos índices de violência policial e a grande sociabilidade comunitária.



_erica ferrari, maurício adinolfi, alunos do cieja e moradores do capão redondo - 'memorial' - 2016 - corrida pela paz, capão redondo, são paulo



_erica ferrari, maurício adinolfi, alunos do cieja e moradores do capão redondo - 'memorial' - 2016 - corrida pela paz, capão redondo, são paulo



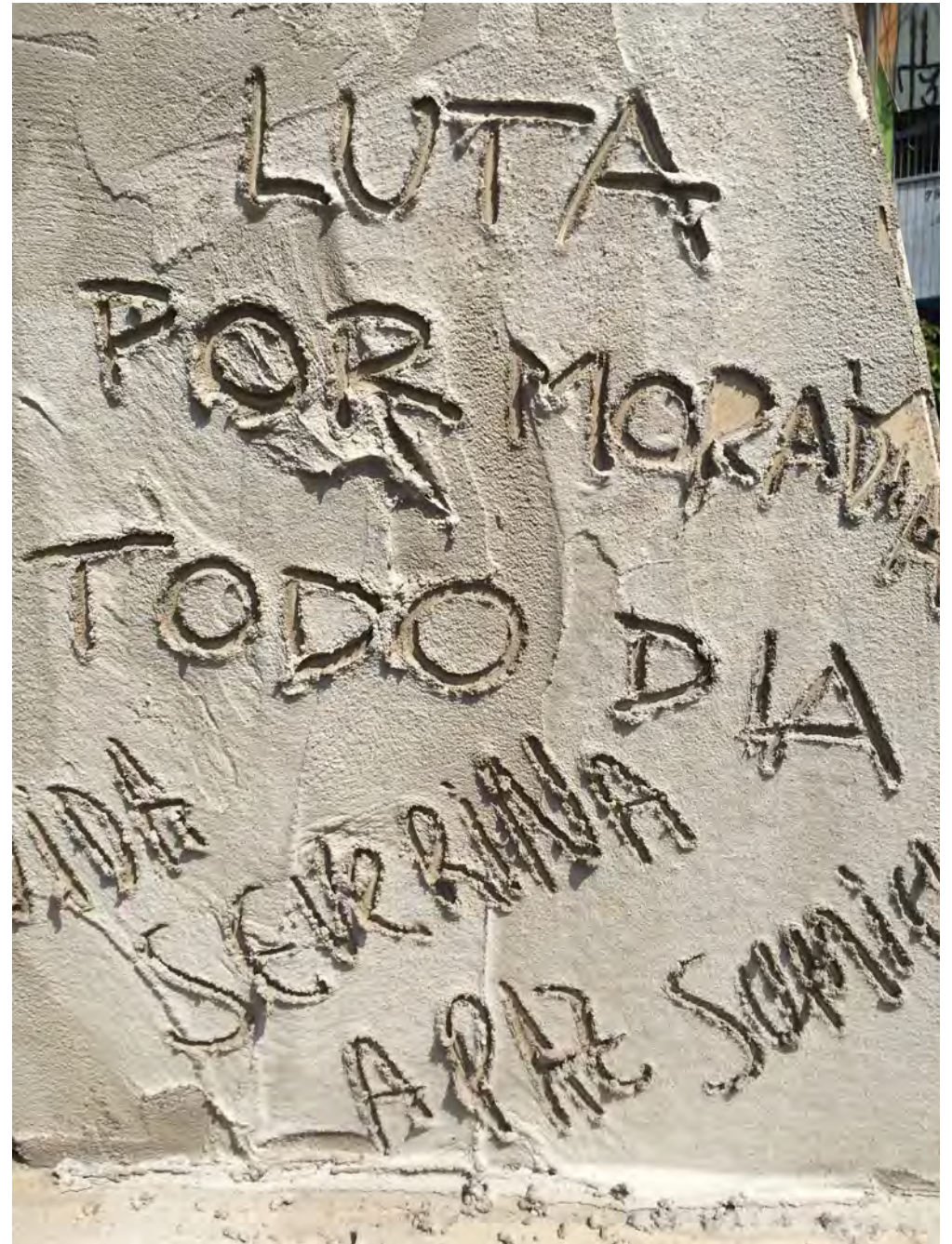
_erica ferrari, maurício adinolfi, alunos do cieja e moradores do capão redondo - 'memorial' - 2016 - corrida pela paz, capão redondo, são paulo



_erica ferrari, maurício adinolfi, alunos do cieja e moradores do capão redondo - 'memorial' - 2016 - corrida pela paz, capão redondo, são paulo



_erica ferrari, maurício adinolfi, alunos do cieja e moradores do capão redondo - 'memorial' - 2016 - corrida pela paz, capão redondo, são paulo



_erica ferrari, maurício adinolfi, alunos do cieja e moradores do capão redondo - 'memorial' - 2016 - corrida pela paz, capão redondo, são paulo



_erica ferrari, maurício adinolfi, alunos do cieja e moradores do capão redondo - 'memorial' - 2016 - corrida pela paz, capão redondo, são paulo



_erica ferrari, maurício adinolfi, alunos do cieja e moradores do capão redondo - 'memorial' - 2016 - corrida pela paz, capão redondo, são paulo



_erica ferrari, maurício adinolfi, alunos do cieja e moradores do capão redondo - 'memorial' - 2016 - corrida pela paz, capão redondo, são paulo



_cemitério são luiz - capão redondo, são paulo

O NOME DA MARGEM

escoras metálicas, madeirites, telhas de amianto, compensados, caixas de água, lonas, sarrafos, auto falantes
sesc vila mariana - são paulo - 2016

Um dia não existiu o nome. No mundo recém formado de Macondo, de Gabriel Garcia Márquez, era necessário apontar com o dedo as coisas para mencioná-las. Do mesmo modo, os córregos de São Paulo carecem de nome em centenas de registros oficiais. O dado cruel dessa situação, no entanto, se refere à data da carência de nomenclatura desses corpos de água: ela não se dá no início dos tempos como na ficção de Márquez, mas no início da urbanização maciça da cidade. Do mesmo modo, a comunidade que se formou na Rua Mário Cardim na Vila Mariana a partir da ocupação de um terreno de uma fábrica desativada desde os anos 1960 também não tem nome. Para referenciá-la é preciso dar as coordenadas de sua localização ou associá-la a associação dos moradores que ali se formou: a Mãos Unidas.

Esgoto, via de despejo, reduto de doenças: esses são os atributos dados aos córregos desde a nossa infância. Ao mesmo tempo, ouvíamos as histórias de nossos avós relatando uma cidade onde o rio era meio de lazer e onde o ‘mato’ cobria tudo isso que hoje é cidade. Gradativamente, esses leitos de água foram canalizados e soterrados para que mais ‘cidade’ pudesse avançar sobre eles. Instalar-se por entre as frestas dos lotes regulares construídos também foi o meio de sobrevivência de milhares de famílias de migrantes que chegaram a São Paulo nesses meados de 1900. O crescimento descomunal sem um planejamento abrangente e sistemático da cidade decidiu tanto o destino de seus rios como o de sua população.

No entanto, não se trata de almejar renaturalizar essa planície. A urbe de 12 milhões de habitantes é em si natureza, de fato um fenômeno. Porém se trata de dar nome às coisas. O nome registra a existência e cultiva a memória coletiva em relação ao evento ou objeto, mesmo que ele não seja mais visível. Confere significado ao que parece estar ao acaso no nosso cotidiano. Em um país cuja memória oficial foi construída de cima para baixo, acentuada pelos ciclos de exploração e repressão, especialmente com a cultura do progresso durante o período de ditadura militar e a supressão sistemática do que era diferente da memória que interessava ser promovida (ou seja, constituída de homens, brancos e militares), outros nomes necessitam ser lembrados.



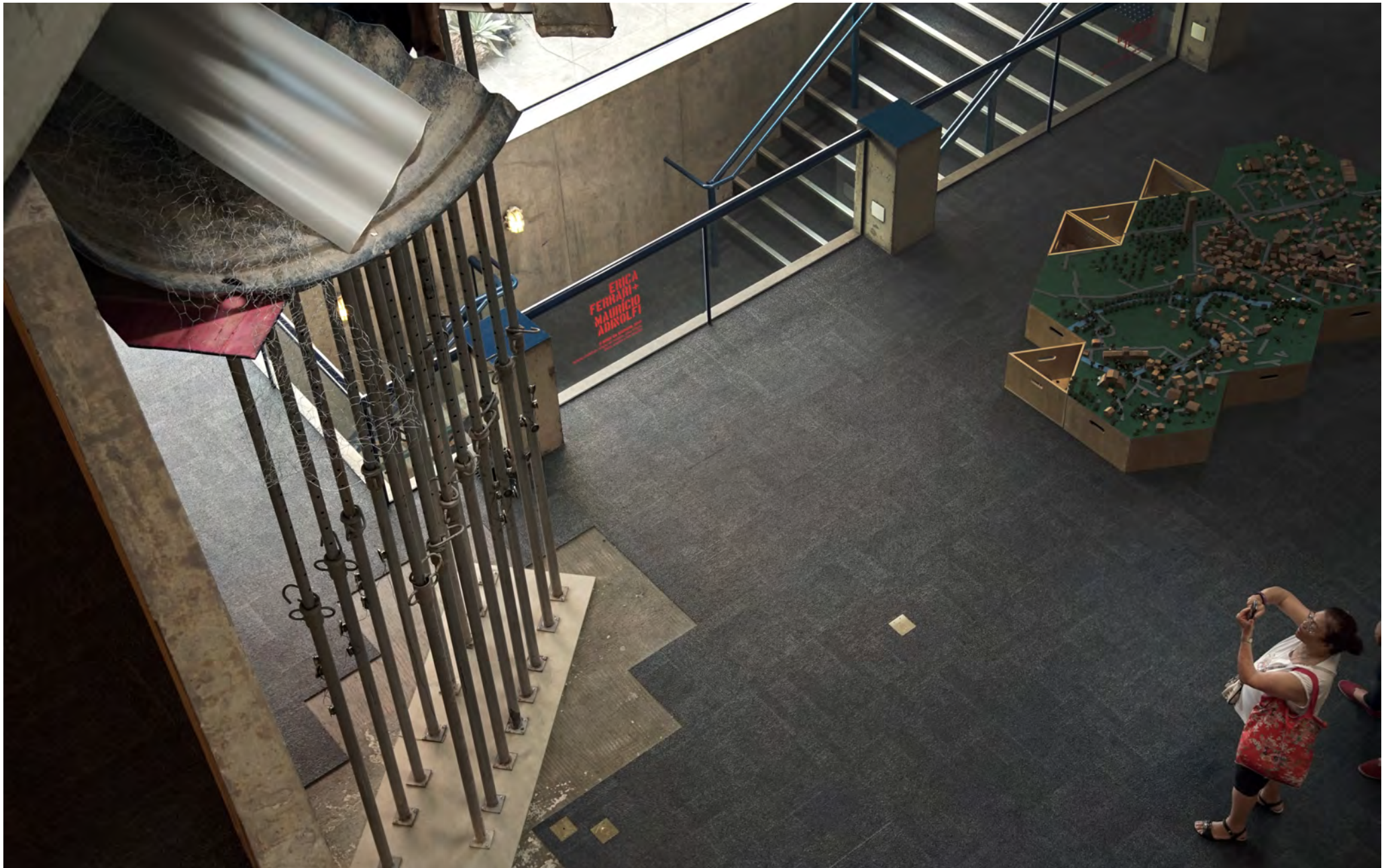
_erica ferrari e maurício adinolfi - 'o nome da margem' - 2016 - SESC Vila Mariana, São Paulo.



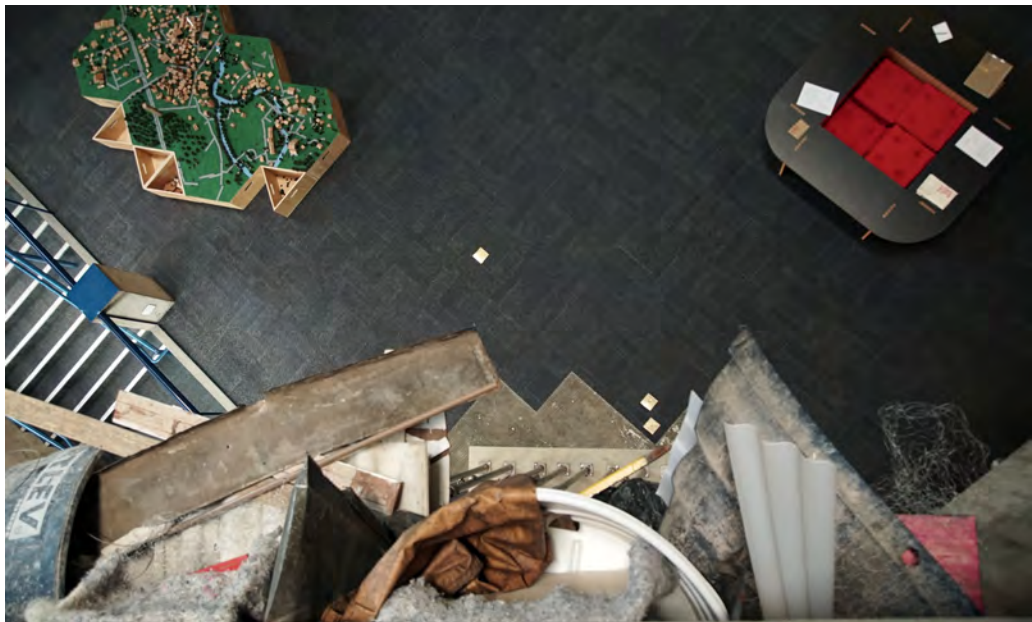
_erica ferrari e maurício adinolfi - 'o nome da margem' - 2016 - SESC Vila Mariana, São Paulo.



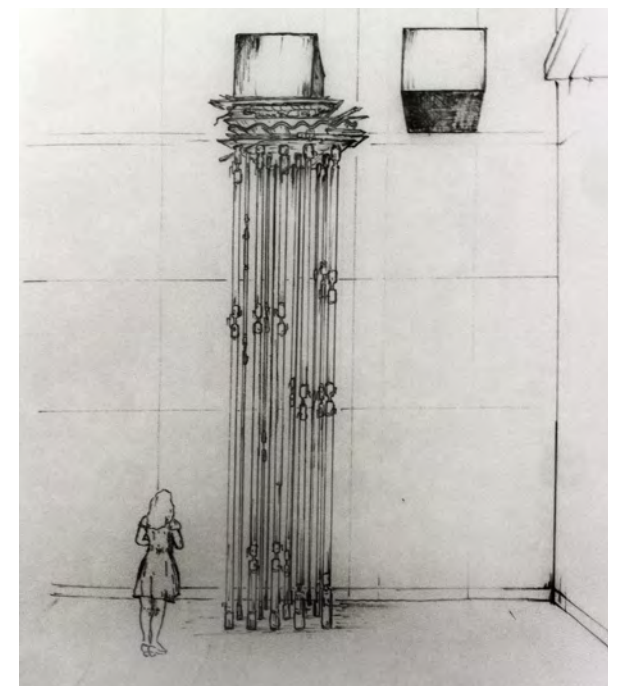
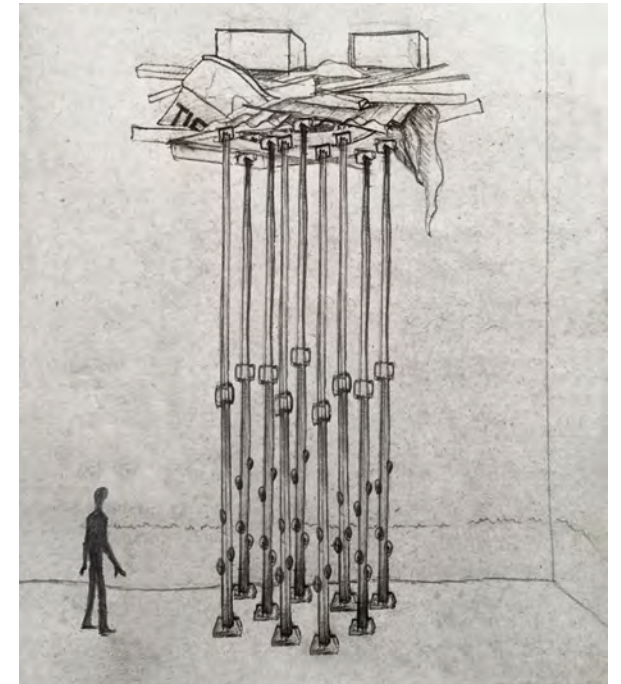
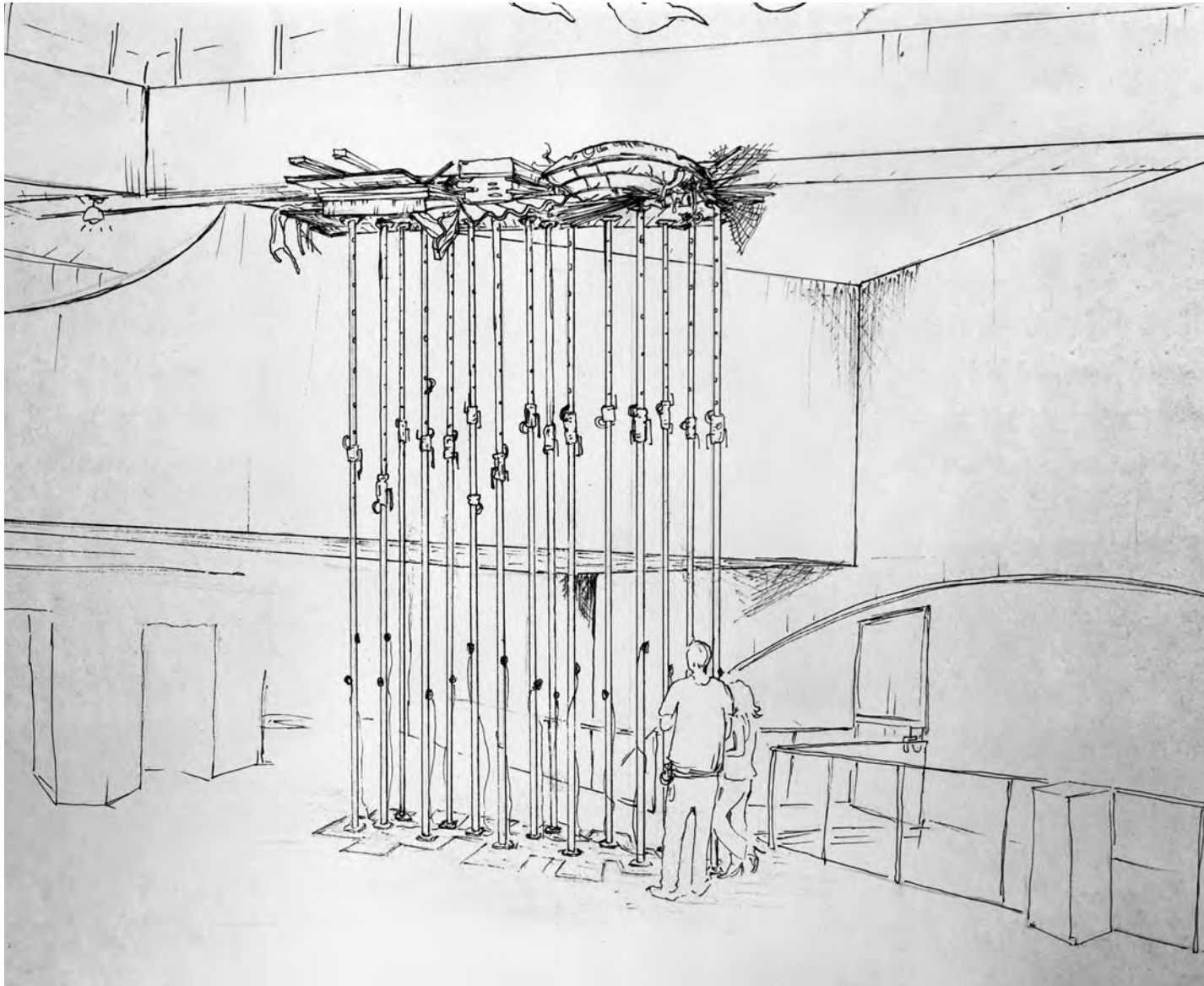
_erica ferrari e maurício adinolfi - 'o nome da margem' - 2016 - SESC Vila Mariana, São Paulo.



_erica ferrari e maurício adinolfi - 'o nome da margem' - 2016 - SESC Vila Mariana, São Paulo.



_erica ferrari e maurício adinolfi - 'o nome da margem' - 2016 - SESC Vila Mariana, São Paulo.



_erica ferrari e maurício adinolfi - o nome da margem. 2016. escoras metálicas, compensados, telhas, caixas de água, lona, auto falantes. croquis ilustrativos da instalação no sesc vila mariana.



_erica ferrari e maurício adinolfi - o nome da margem. 2016. escoras metálicas, compensados, telhas, caixas de água, lona, auto falantes. montagem digital ilustrativa da instalação no sesc vila mariana.



_erica ferrari e maurício adinolfi - o nome da margem. 2016. escoras metálicas, compensados, telhas, caixas de água, lona, auto falantes. maquete da instalação.

ERICA FERRARI

SOBRE NOSSAS CABEÇAS

cimento, entulho, tecido, escora

projeto para a exposição coletiva ‘Totemonumento’
galeria leme - são paulo - 2016

“Por monumento, no sentido original do termo, entende-se por ‘uma obra criada pela mão do homem e elaborada com o objetivo determinante de manter sempre presente na consciência das gerações futuras algumas ações humanas ou destinos (ou a combinação de ambos)’ . Construídos em material duradouro, os monumentos, por vezes, visam anular marcas de passagem do tempo; suas formas sintetizam em equilíbrio e imponência, personagens, heróis ou mártires de fatos sociais selecionados. Buscam forjar uma memória coletiva, a fim de criar uma sensação de pertencimento a determinado grupo; atuam no imaginário do Estado-nação, reforçando as fronteiras sóciopolíticas e marcam a sua presença no espaço público, seja ele feito para contemplação, seja em via de passagem. Não por acaso, o Monumento às Bandeiras, de Victor Brecheret, abre a Avenida Brasil.

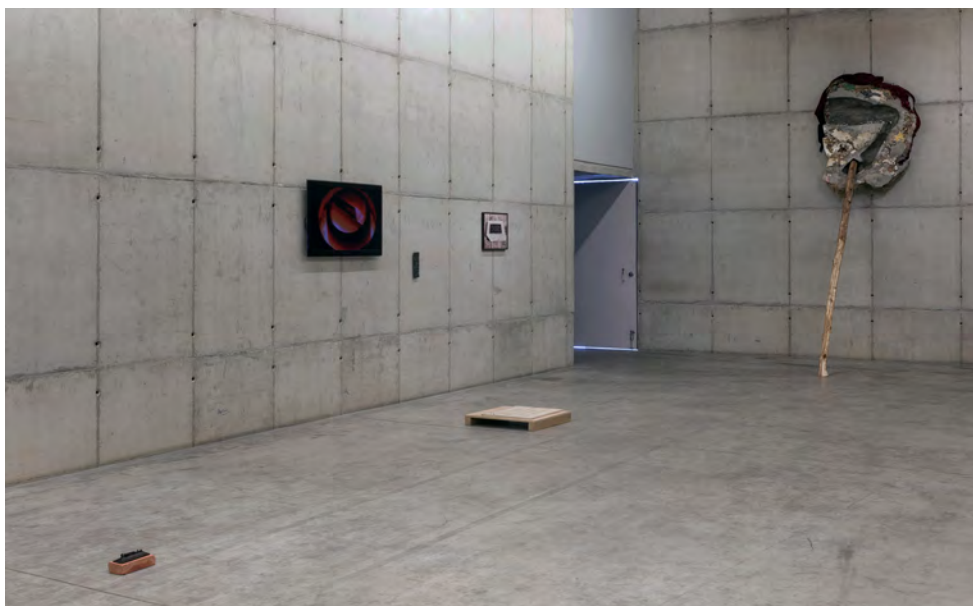
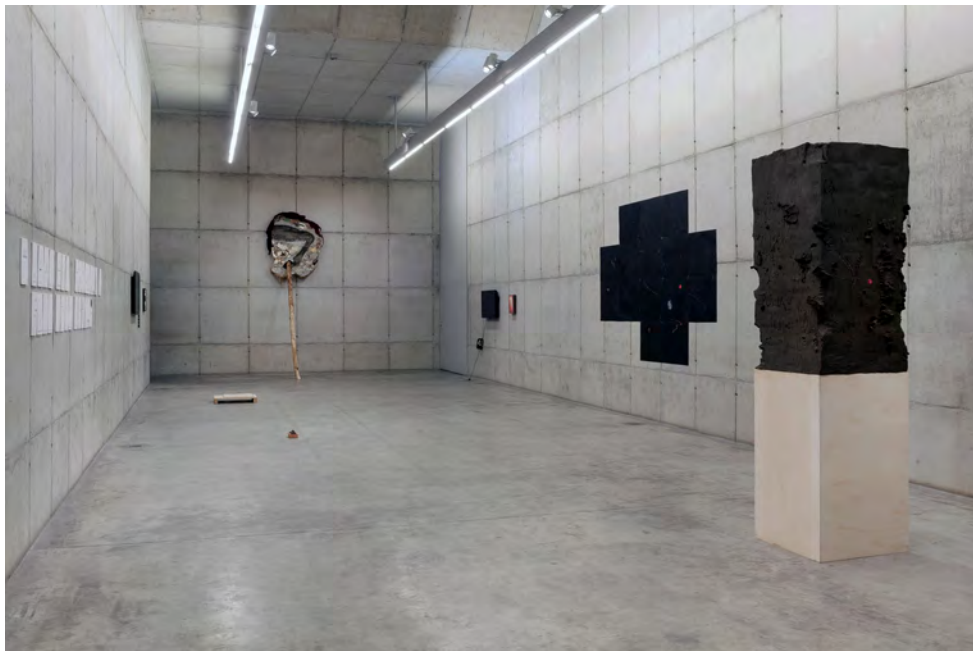
Em ‘**sobre nossas cabeças**’, de Erica Ferrari, o avesso de um monumento equestre feito de entulho de demolições de prédios de São Paulo é erguido por uma estaca de madeira. Sua frágil sustentação aponta para um símbolo prestes a cair, desmanchar-se e voltar às ruínas de onde veio. A pata do cavalo levantada - que, segundo a tradição da escultura equestre, significa que o “herói” retratado morreu decorrente de ferimentos no campo de batalha - traz novamente a discussão acerca da fabricação de heróis e o monumento como uma forma de abstrair a violência de fatos históricos.

Nos trabalhos reunidos em ‘Totemonumento’ busca-se investigar a ideia de construções de narrativas históricas, a memória enquanto resistência e sobrevivência, representações e antirrepresentações - ou, como diria o historiador Jacques Le Goff, trata-se de confrontar as representações históricas com as realidades que elas representam.”

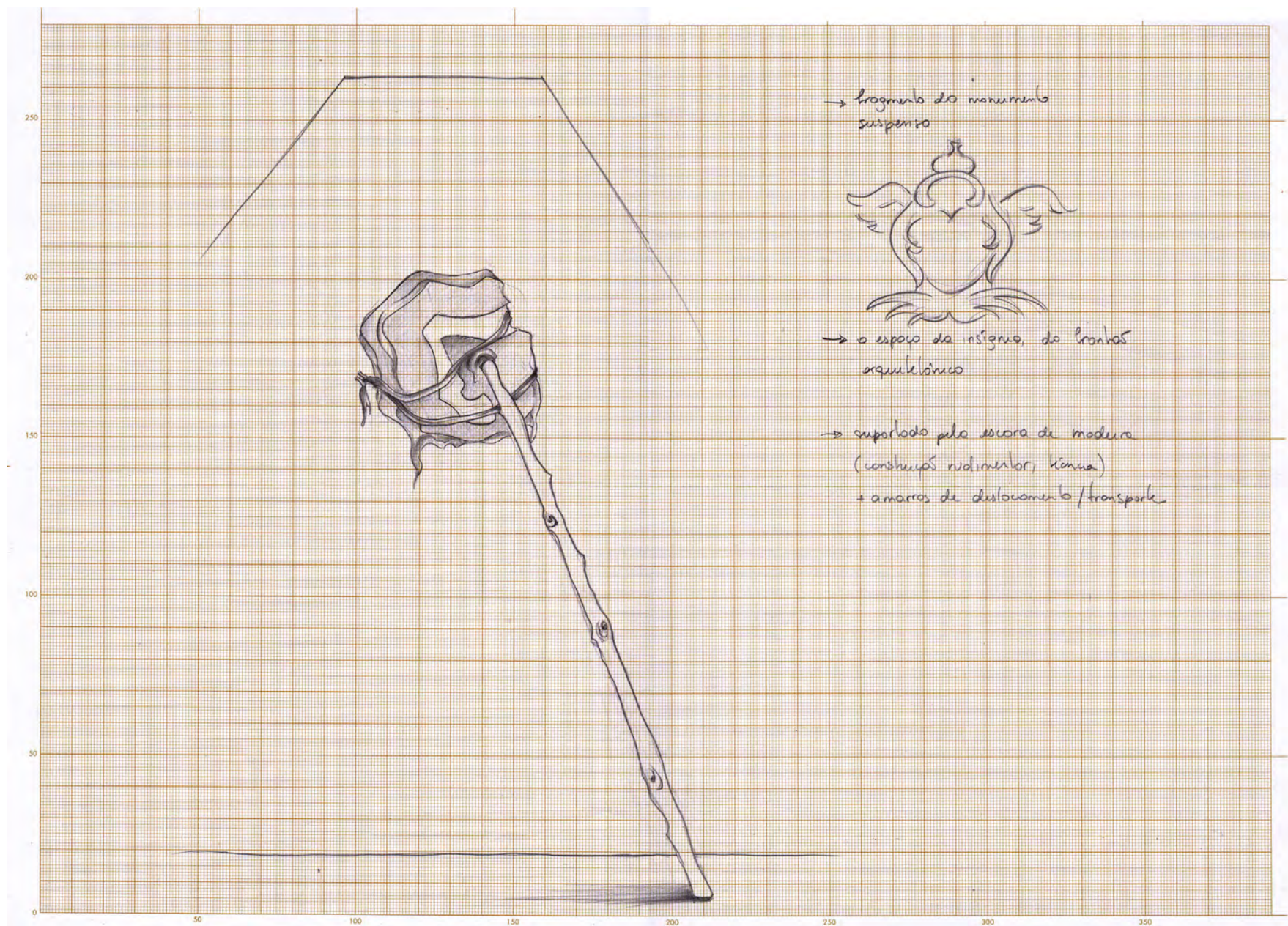
texto e curadoria de Isabella Rjeille

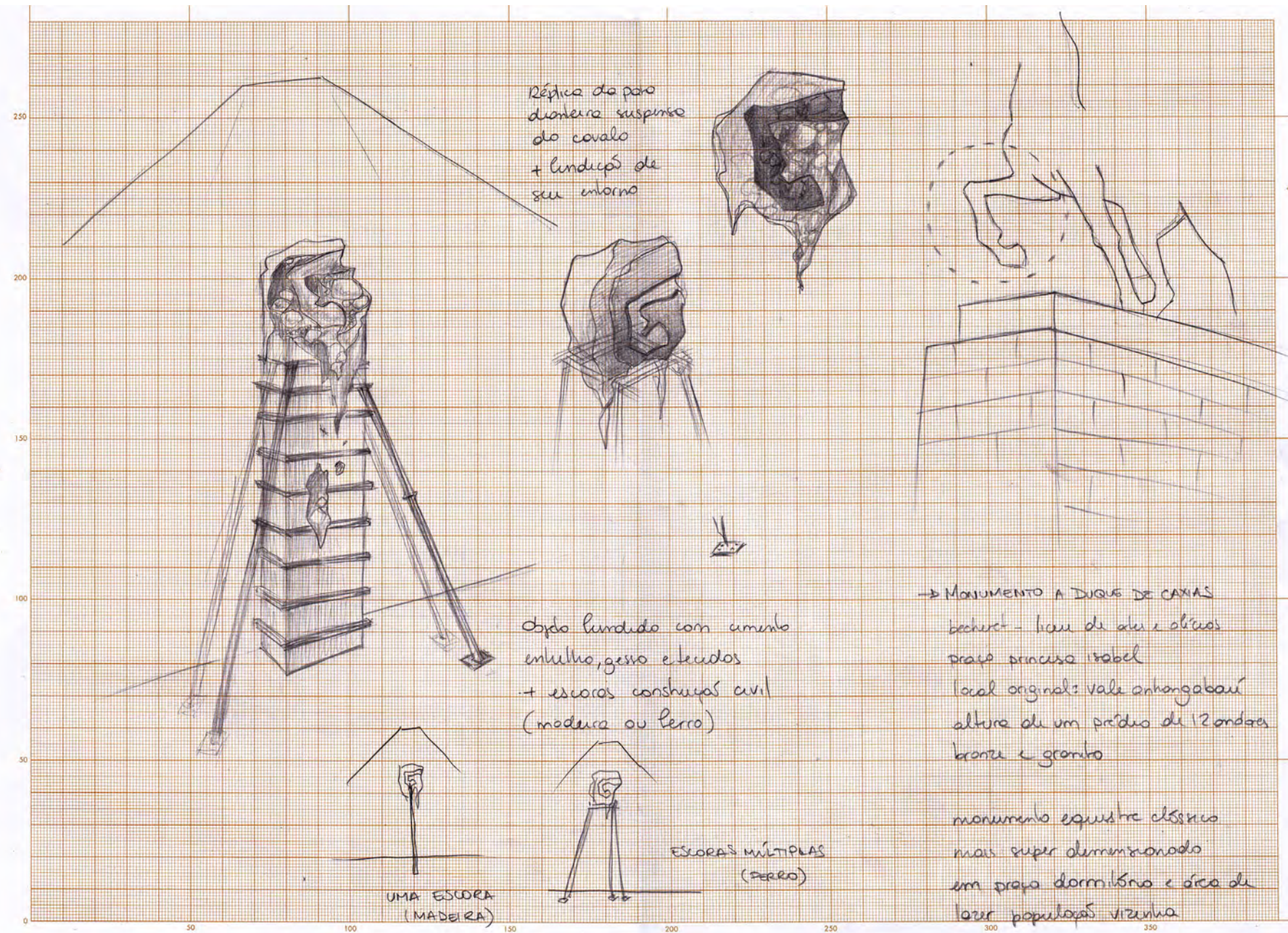


_erica ferrari - 'sobre nossas cabeças' - 2016 - na coletiva 'totemonumento' - galeria leme, são paulo.



_erica ferrari - 'sobre nossas cabeças' - 2016 - na coletiva 'totemonumento' - galeria leme, são paulo.







_referências para ‘sobre nossas cabeças’ - monumento a duque de caxias na praça princesa isabel e sendo produzido no liceu de artes.



_referências para ‘sobre nossas cabeças’ - monumento a duque de caxias sendo produzido no liceu de artes e atualmente na praça princesa isabel.

ERICA FERRARI

DE TUDO AQUILO QUE NÃO NOS REPRESENTA

cimento, entulho, gesso, formica, madeira, projeção de vídeo
galeria emma thomas - são paulo - 2015

Após período de residência em Berlim com o desenvolvimento de um estudo sobre os monumentos daquela cidade, na exposição ‘de tudo aquilo que não nos representa’ a funcionalidade do monumento na cidade e o uso do espaço de seu entorno se tornaram o ponto de partida para a constituição dos trabalhos. Por ser um lugar com uma historia de conflitos e governos dispares, Berlim possui os mais variados monumentos e memoriais, que por vezes são resignificados e alterados com o passar do tempo. De volta à São Paulo, o estudo prosseguiu, direcionado especialmente em relação aos significados dos monumentos como construções simbólicas e de uso.

O trabalho principal desse conjunto de obras é uma instalação feita com cimento, gesso, entulho, ferro, espuma e plástico. A partir de uma réplica construída em madeira, o espaço publico que constitui o entorno de um monumento foi fundido em escala real com esses materiais de construção e descarte. Para tanto, foi escolhido como ponto de partida o Obelisco da Memória, o mais antigo monumento de São Paulo, situado no Largo da Memória, no centro da cidade. Depois de pesquisa, o obelisco foi escolhido pois se apresenta como um marco vazio, prestando homenagem a sua própria existência. No entanto, o uso publico do local em que se encontra é bastante significativo. Sob essa perspectiva, há uma tentativa de pensar sobre esse espaço, que deveria ser representativo em um sentido (como símbolo cívico) mas funciona de outras formas (como ponto de encontro, como local de permanência, como passagem, como abrigo).

Em ‘de tudo aquilo que não nos representa’ também são apresentadas duas obras de parede produzidas com madeira, entulho e formica. Em uma delas, diversos obeliscos estão dispostos como em uma reunião ao redor de um espaço retangular vazio. Na outra, duas bandeiras permanecem hasteadas do lado de fora de uma sala deserta. Uma projeção de vídeo gravado nas cidades de Berlim e São Paulo complementa o conjunto, revelando a dinâmica que turistas, transeuntes e moradores mantêm com esses símbolos e com os espaços públicos que os circundam.



_erica ferrari - 'de tudo aquilo que não nos representa' - 2015 - galeria emma thomas, são paulo.



_erica ferrari - 'de tudo aquilo que não nos representa' - 2015 - galeria emma thomas, são paulo.



_erica ferrari - 'de tudo aquilo que não nos representa' - 2015 - galeria emma thomas, são paulo.



_erica ferrari - 'de tudo aquilo que não nos representa' - 2015 - galeria emma thomas, são paulo.



_erica ferrari - 'de tudo aquilo que não nos representa' - 2015 - galeria emma thomas, são paulo.



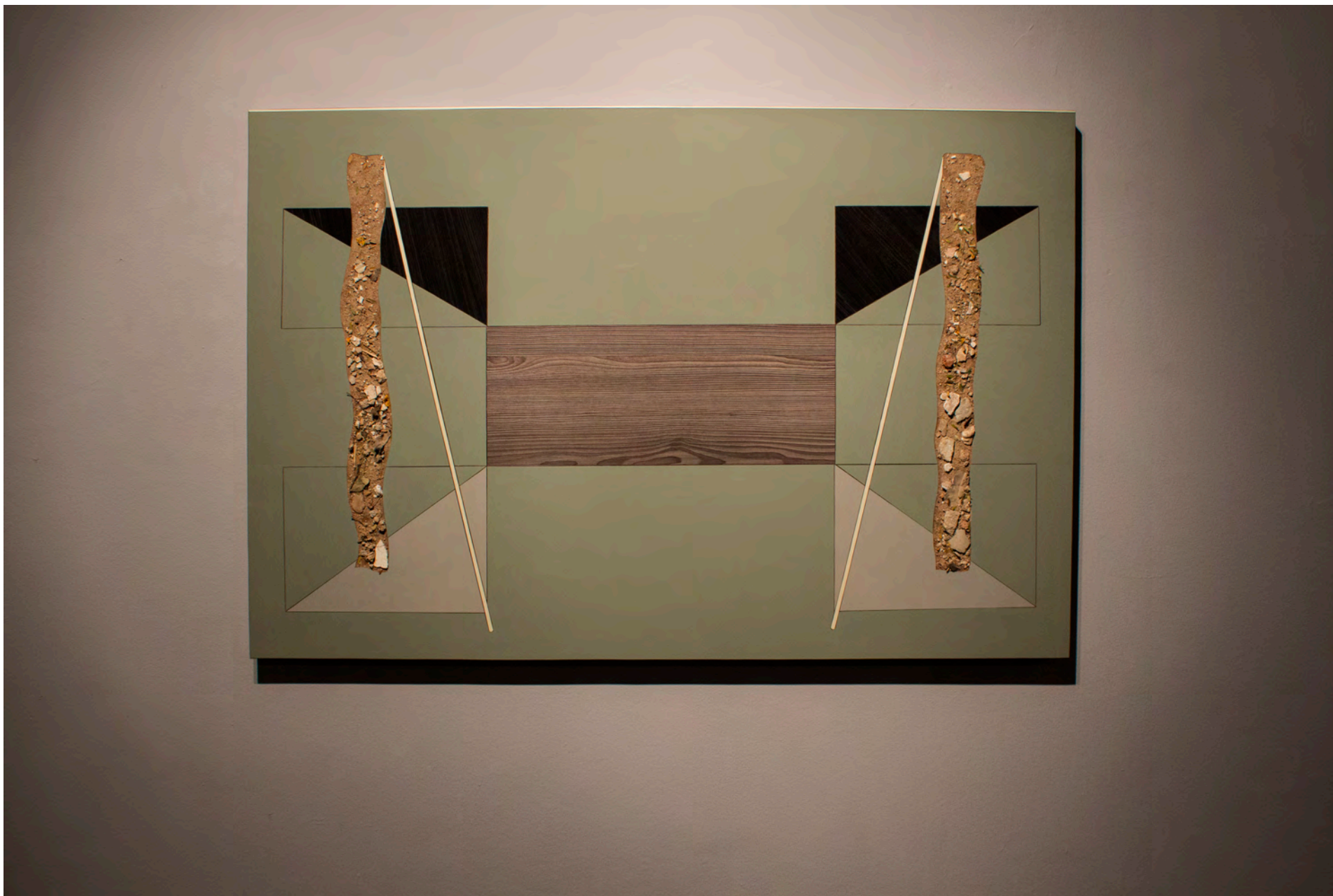
_erica ferrari - 'de tudo aquilo que não nos representa' - 2015 - galeria emma thomas, são paulo.



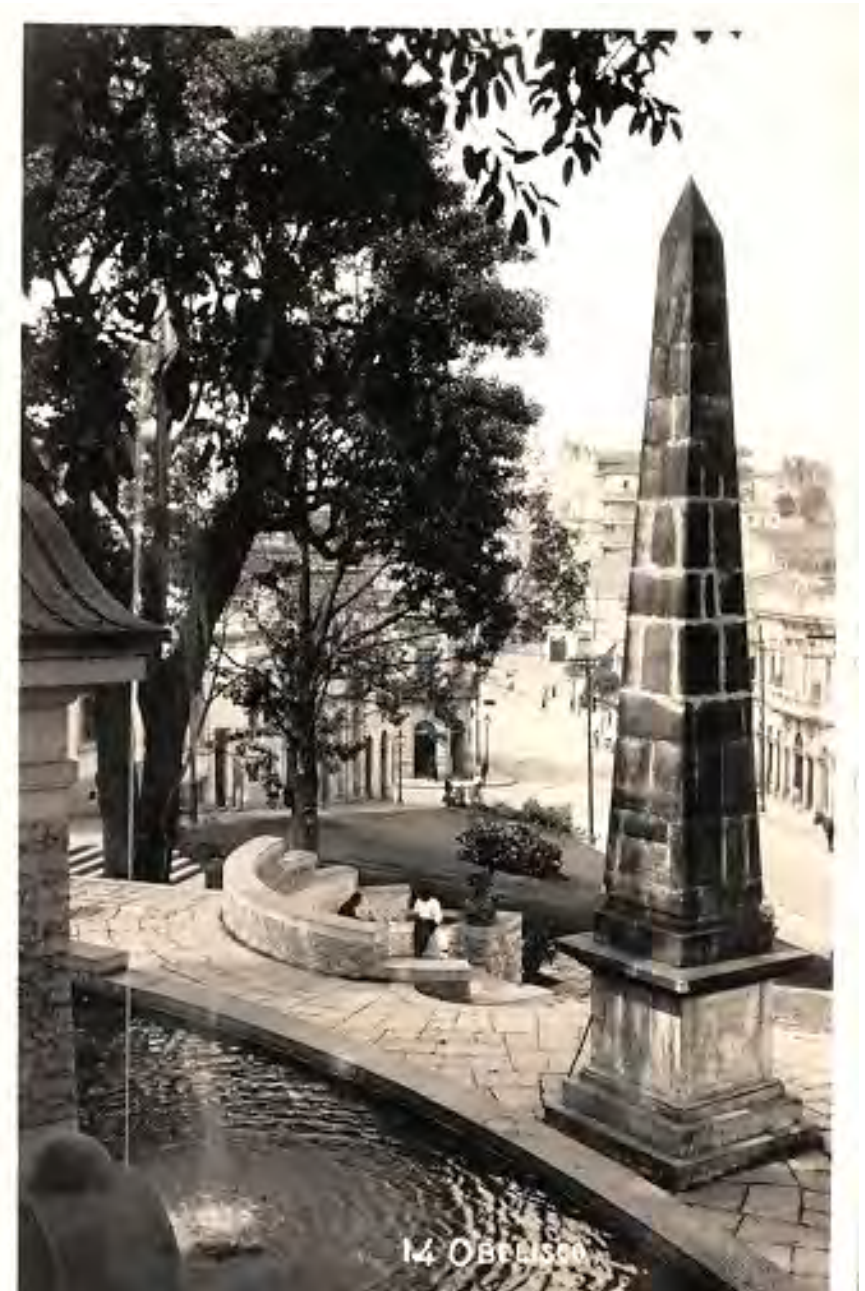
_erica ferrari - 'de tudo aquilo que não nos representa' - 2015 - galeria emma thomas, são paulo.



_erica ferrari - 'de tudo aquilo que não nos representa' - 2015 - galeria emma thomas, são paulo.



_erica ferrari - 'de tudo aquilo que não nos representa' - 2015 - galeria emma thomas, são paulo.



_obelisco da memória - são paulo.